

ALISTAIR THOMSON

Data: 19 de outubro de 1995

Local: Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP

Entrevistador: Daisy Perelmutter

Entrevistador convidado: Déa Fenelon

Registro em vídeo: Adriana Judith Rachman

DP: Alistair, gostaríamos que você desse início ao depoimento nos contando um pouco sobre sua infância, onde e quando nasceu.

AT: OK. Nasci em 1960, em Geelong, uma cidade industrial a oeste de Melbourne, mas não vivemos lá durante muito tempo. Meu pai era militar e a cada dois anos nos mudávamos de um para outro acampamento militar. Na época em que eu nasci meu pai estava acantonado nas imediações de Geelong. Nos 15 anos seguintes moramos em vários lugares da Austrália e um certo tempo na Inglaterra também, mais ou menos um ano. Estávamos sempre mudando. Talvez isso, o fato de ser filho de um militar, tenha influenciado os trabalhos a que me dediquei mais tarde. Nunca houve um lugar que eu considerasse realmente um lar. Finalmente, meus pais compraram uma pequena casa na praia, ao sul de Sydney, que se tornou nosso lar, e era lá que passávamos as férias.

DP: Sua mãe trabalhava fora?

AT: Não... houve uma época, quando eu estava na escola, que ela voltou a lecionar. Era professora de línguas, ensinava francês. Mas meu pai se tornara um oficial graduado e esperava-se que as mulheres dos oficiais desempenhassem um papel específico, portanto muito freqüentemente minha mãe trabalhava apenas meio período; no resto do tempo tinha funções a cumprir como esposa de um oficial, como cuidar das esposas dos outros soldados e de coisas desse tipo.

Mais tarde, quando eu tinha uns 12 anos — estávamos morando ao norte de Queensland, que é a Austrália tropical —, meu pai foi transferido para a Austrália

ocidental, mas ele não queria ir. Um de meus irmãos tinha dificuldade de aprendizado e estava frequentando uma escola especial em North Queensland, e por isso meus pais decidiram se estabelecer naquela cidade e compraram uma casa lá. Dirigiram um hotel de primeira classe durante alguns anos, o que para mim foi maravilhoso. E então meu pai resolveu ingressar na política. Ele representava a área de North Queensland na câmara de Canberra. Na época, o principal emprego de minha mãe era cuidar do eleitorado, da área que meu pai representava no Parlamento, enquanto ele estava fora, em Canberra, que fica a cerca de 3.000 km de Queensland. Ela cuidava do eleitorado, das eleições e de outras coisas semelhantes. Meu pai era membro de um partido chamado Partido do País; é um partido para fazendeiros e pessoas do campo, e eles são relativamente conservadores. E, gradualmente, nossos pontos de vista políticos passaram a divergir. Nem sempre enxergávamos a política sob o mesmo ângulo. Mas naquela época eu já tinha terminado o colegial e estava frequentando a Universidade em Melbourne.

DP: Você teve alguma educação religiosa?

AT: Bem, eu tentei [risos]. Não me lembro de já ter acreditado em alguma coisa. Não acho que algum dia tenha acreditado em Papai Noel, ou no coelhinho da Páscoa, ou em Jesus. Achava que eram histórias muito boas, mas creio que desde pequeno eu já era ateu. Meu pai se dizia cristão, minha mãe parece achar isso importante. Não, realmente não tenho religião. Acho que sou ateu, ou humanista, ou seja lá que nome você queira dar.

DP: É interessante que a religião não represente um papel importante na vida do australiano.

AT: Bem, não representou na minha, mas acho que representa. Uma das grandes discórdias na história da Austrália no século XIX foi aquela entre protestantes e católicos, os católicos que emigraram da Irlanda e os protestantes que emigraram da Inglaterra, Escócia e País de Gales. Havia muita tensão; normalmente os protestantes tinham mais força, mas gradualmente os católicos e irlandeses também se fortaleceram, e no século XIX o movimento trabalhista na Austrália envolvia, em grande parte, católicos irlandeses que, no século XX, finalmente se tornaram bas-

tante conservadores. Havia uma grande dissidência entre socialistas e católicos dentro do movimento trabalhista.

A religião era muito importante, e todas as ondas de imigração na Austrália, de modo parecido ao que ocorreu no Brasil, traziam pessoas diferentes, com religiões e formações diferentes. É muito complicado.

DP: Alistair — uma vez que vocês mudavam muito — como foi seu tempo de estudante?

AT: Começou quando eu estava no primário; íamos à escola na cidade em que estivéssemos morando. Na época eu achava isso bom, eram lugares novos, interessantes, e a família parecia razoavelmente estável. Mas era difícil, eu tinha sempre que fazer novos amigos, e ... é interessante; lembro-me de que quando mudamos de Canberra para Queensland — os moradores de Queensland têm um sotaque forte, áspero, e eu cheguei com o meu polido sotaque de Canberra — foi difícil, os garotos caçoavam muito de mim. Sim, foram anos difíceis, mas tenho muitas lembranças boas também.

Quando eu estava com 11 anos — época de começar o ginásio — tive de fazer uma escolha, pois nos mudamos novamente. Meus pais perguntaram o que eu queria fazer. Candidatei-me a uma bolsa de estudos para uma escola em Melbourne, a mesma em que meu pai estudara, e consegui. E fui para lá como aluno interno. Passei seis anos nessa escola, fiz todo o ginásio e o colegial, enquanto meus pais continuavam morando em Queensland, a cerca de 3.000 km de distância. Portanto, fiquei seis anos em um internato. Foi uma boa educação, eu praticava muitos esportes, mas às vezes era difícil estar tão longe de casa.

DP: Você costumava ir para casa nas férias?

AT: Sim, três vezes por ano; e aos 11 anos isso era difícil, era muito pouco; aos 17, tudo bem. Assim, nunca tive aquelas grandes discussões que os adolescentes costumam ter com os pais. Não senti muita falta disso, porque tive bons professores enquanto estive no internato.

DP: Você frequentou várias escolas. Havia um padrão de ensino nessas escolas? Você sentia diferenças entre os métodos de ensino de um lugar para outro?

AT: Sim, sem dúvida. No sul da Austrália, as pessoas sempre acham que Queensland (que fica ao norte, equivalente ao Norte aqui) é atrasada, desprezível. Eu estava indo de uma escola de Queensland para uma de Canberra, e de fato em Canberra as crianças, as aulas e o método de ensino estavam muito mais adiantados. Portanto, foi uma fase bastante difícil.

Na Austrália, o sistema educacional varia de um estado para outro. Cada estado tem seu sistema padrão. Por isso, acho que para mim foi mais fácil fazer o ginásio e o colegial no mesmo lugar. E era uma escola muito boa em termos de ensino.

Hoje acho que não é justo, eu tive uma bolsa de estudos, mas a maioria dos alunos pagava; deviam ser filhos de pessoas muito ricas. Quando penso nisso agora, acho que não está certo uma pessoa ter uma boa instrução porque seus pais têm muito dinheiro.

Acontece que a escola não apenas dá uma boa educação, mas também ensina a pessoa a adquirir autoconfiança e desembaraço social. Como se costumava dizer, na escola você não adquire apenas conhecimentos, aprende como servir a seu país, esse tipo de retórica. E meus contemporâneos acabaram se tornando pessoas influentes na mídia, na política, nos negócios e no jornalismo ... coisas desse tipo, portanto, aquele era o tipo de escola que preparava as pessoas para subir na vida.

DP: E como era o ensino de História naquela época?

AT: Terrível [risos], realmente terrível. Lembro-me ... bem, não era tão terrível. Depende tanto do professor... Lembro-me de que no primeiro ano do ginásio tivemos um professor de História sensacional. Não me lembro do assunto que estávamos estudando, mas lembro-me que eu estava muito interessado e pensava: "Como isso é interessante". Acho que foi no quarto ano, quando estávamos estudando História da Austrália. Tínhamos um curso chamado História da Austrália, é um curso completo. Talvez a faculdade tenha um curso sobre a Austrália aborígine, os primeiros 20.000 anos, mas não vimos essa parte, partimos da época dos exploradores e pioneiros.

As aulas eram tão cansativas! eram só fatos, datas e lugares. Não falavam sobre as pessoas que viveram e experimentaram... Interrompi o curso e não estudei História no último ano ou nos dois últimos anos. Estudei Ciências e Matemática e coisas desse tipo, que jamais usei. E isso foi estranho.

O que fiz quando entrei na universidade?... Ah, sim, primeiro estudei Direito, pois tenho um tio que é advogado, e eu achava que iria adquirir conhecimentos úteis. Na Austrália as pessoas costumam combinar diplomas. Assim, fiz um curso de Direito que incluía formação em Artes e assuntos relacionados com História. A primeira matéria que estudei naquele primeiro ano chamava-se *A Idade das Revoluções*. Era sobre a Revolução Francesa e a Revolução Americana. Eu tinha um professor, que mais tarde se tornou um grande amigo e continua sendo um de meus melhores amigos até hoje, que era simplesmente incrível. Acho que ele logo percebeu meu interesse e passou a sugerir livros interessantes para eu ler. Deu-me um exemplar do livro de Thomas Kuhn, *A Estrutura das revoluções científicas*. Tudo sobre paradigmas... Eu achei aquilo maravilhoso; antes, eram datas e coisas desse tipo e, de repente eu estava lendo sobre idéias e mudanças e como as coisas haviam mudado, portanto fiquei fascinado. E logo depois — o estudo de Direito era terrível, é uma matéria muito cansativa — desisti do curso e passei a me dedicar à História. Eu tinha de fazer um curso de História!

DP: Seus pais tinham alguma expectativa quanto à sua profissão?

AT: Sim, queriam que eu me formasse em Direito ... É o de sempre, e isso provocava tensões. Eles se preocupavam e não conseguiam ver que tipo de emprego eu poderia arrumar com um diploma de História, o que tem sentido, pois esse não é um curso profissionalizante. Meu tio, um advogado muito bem-sucedido, ficou desapontado, pois tinha três filhos, e todos os três haviam desistido da carreira para se tornar escritores — e desempregados —, e pelo menos haveria alguém na família que seria um advogado. Por fim meu irmão, que fizera outras coisas, voltou a estudar Direito quando mais velho e atualmente exerce a profissão em Melbourne.

DF: Ele é o advogado que a família queria.

AT: Sim, e isso alivia a pressão. Acho que eles pensavam que História era algo interessante, mas nada sério. Não é realmente uma profissão.

DF: É verdade. As pessoas, nossos pais, não conseguem entender por que gostamos de História.

AT: Por outro lado, muitas pessoas que estudam História acabam desempenhando um importante papel social e político. Acho que, entre outras coisas, é um bom treinamento para entender o mundo e saber como mudá-lo. Agora, só agora, acho que eu poderia tentar fazer meus pais compreenderem por que...

DF: Agora que você é professor de História...

AT: Mas talvez meus pais não aceitassem isso. Iriam discutir as maneiras de aprender História e de mudar as coisas. Minha mãe não agiria assim, mas meu pai...

DP: Quando você entrou na faculdade? Que idade tinha?

AT: 17. Cursei o primeiro ano em 1978. Entrei na Universidade de Melbourne, a mais antiga do local, uma excelente universidade.

DP: Quais as principais matérias que você estudou?

AT: Bem, durante os três primeiros anos eu estava cursando Direito, e meu desempenho era muito fraco em quase todas as matérias, pois detestava a maioria delas. Havia uma, Direito Constitucional, que era interessante. Mas coisas como contratos e leis de propriedade eram muito maçantes.

No primeiro ano — creio que porque eu ainda estava tentando adquirir conhecimentos úteis para fazer coisas úteis —, estudei uma matéria sobre a Época das Revoluções, e fiz também Economia. Mas essa matéria era ensinada de uma forma horrível e logo percebi que não seria um economista.

E então, cursando ao mesmo tempo Direito e Política, estudei diferentes tipos de História durante os anos seguintes. Tive uma experiência realmente interessante no primeiro ano, quando estudamos a Revolução Francesa. Hoje, a Revolução Francesa e a Revolução Americana são assuntos interessantes para se estudar; há conceitos, mudanças, política, razões econômicas, várias coisas desse tipo. Naquela época lemos *As origens ideológicas da Revolução Francesa*, de Bernard Bailyn.

DF: Temos um livro sobre a Revolução Inglesa, também, que faz uma comparação entre as três revoluções. É muito conhecido por aqui.

AT: Sim. Durante o segundo ano, havia uma matéria que era muito popular no Departamento de História da Universidade de Melbourne, chamada História Social e Reflexiva. O professor, Craig Denning, era antropólogo e historiador, e era excelente. Era excelente por dois motivos: primeiro, porque achava que não devíamos apenas estudar História; que além de estudar História, devíamos fazer História, fazer pesquisa original, antes de obter o diploma. E isso foi muito bom.

Outro aspecto interessante era que ele achava que a História deveria ser estudada juntamente com alguma outra disciplina. Ele nos fazia ver a relação entre a História e a Psicologia, a História e a Sociologia, a História e a Antropologia, e assim por diante. Isso era maravilhoso. E ele começou a nos ensinar a fazer projetos sobre História. Coisas realmente interessantes.

Por exemplo, no primeiro ano, desenvolvi uma etnografia em uma escola de um bairro operário, onde um de meus amigos era professor de História. A escola ficava em um bairro da zona oeste da cidade, onde a concentração de imigrantes era bastante grande — havia garotos da Macedônia, Grécia, Vietnã, Itália, enfim, de vários países —, e eu preparei um estudo sobre como ensinar História em uma escola que tem alunos de vários países diferentes. Foi fascinante.

No segundo ano, não sei bem por que, acabei fazendo um trabalho, a História da Ilha Pitcairn, que era... vocês já ouviram falar sobre o motim do Bounty, sobre o Capitão Bligh?

DF: Sim, o motim.

AT: É, o filme. As pessoas envolvidas no motim acabaram se estabelecendo em uma ilha chamada Pitcairn e criaram sua própria sociedade. Era uma ilha desabitada. Assim, após cerca de 50 anos, ninguém sabe que eles estão lá. Eles se autodestruíram, pois havia entre eles alguns taitianos e alguns remanescentes do motim, e eles começaram a brigar. No fim, restaram apenas um homem e algumas mulheres taitianas. Têm filhos e a sociedade sobrevive. Foi um trabalho fascinante.

Consegui reunir todas as coisas que haviam sido escritas por pessoas que visitaram a ilha nos primeiros 30 ou 40 anos. Essa foi uma experiência vivida por um aluno do segundo ano, que descobriu que é possível pesquisar e fazer História. Foi maravilhoso.

E então, no terceiro ano do curso, escrevi um tipo de biografia, uma história sobre meu bisavô, que emigrara da Irlanda para a Austrália como órfão, aos 14 anos, durante a corrida do ouro da década de 50. Ele acabou se tornando um religioso. E como estava falido, escrevia artigos para jornais sobre sua vida, suas experiências, que encontrei em um grande livro de recortes. Esse curso era realmente interessante porque, de um modo ou de outro, nos estimulava a fazer essas coisas. Éramos estimulados a fazer História, não apenas a ler a História de outras pessoas, e isso foi muito bom.

Acho que passei a desenvolver meu próprio trabalho de História porque cheguei à conclusão de que recomendar aos alunos que apenas leiam histórias escritas por outras pessoas não resolve.

DF: Também temos esse tipo de discussão aqui no Brasil, tanto nos cursos de graduação como de pós-graduação em História, sobre o conceito de que é possível ensinar as pessoas a fazer História.

AT: E eles fazem isso?

DF: Sim, aqui nesta universidade. É uma das poucas que fazem esse tipo de experiência.

AT: As outras não?

DF: Não, eles não acham que vale a pena, que os alunos serão apenas professores ginasiais e não precisam saber como fazer História. Mas é interessante ouvir você falar sobre isso.

AT: Não tenho certeza se ainda é... acho que ainda é o caso. Quer dizer, na Austrália há hoje um número muito maior de alunos em cursos universitários. Pode ser que haja mais pressão quanto a recursos e coisas do gênero. Foi maravilhoso, realmente. E assim, durante os outros anos de meu curso de História — era um curso de quatro anos, todas as matérias incluíam pesquisa original. Nos dois últimos anos, a maioria era sobre História da Austrália. Desenvolvi muitos projetos interessantes.

DP: E depois, quando você terminou o curso, você foi para a Inglaterra, para fazer mestrado?

AT: Sim... eu não pretendia ir. Terminei o curso em 1982 e não estava certo sobre o que fazer, mas ganhei uma bolsa de estudos para fazer mestrado em Melbourne; mas me candidatei a uma bolsa da Commonwealth para estudar na Inglaterra. Inicialmente, fui informado de que não havia conseguido. Mas eu estava na lista de espera, no caso de alguma desistência. Vocês conheceram Mike Winter? Ele também conseguiu uma bolsa naquele ano; éramos colegas. Aliás, fizemos juntos o curso sobre Revoluções.

Assim, comecei a fazer o mestrado em Melbourne e, ao mesmo tempo, fazia... foi uma época interessante, pois nessa ocasião comecei a desenvolver o trabalho de História Oral; durante o último ano da faculdade, eu tivera um curso sobre História da Austrália, que enfocava o período entre as duas Guerras Mundiais. Eu queria fazer um estudo sobre o que acontecera quando os soldados voltaram da guerra e o impacto que causaram na sociedade australiana. Foi nessa época que desenvolvi meu primeiro trabalho de História Oral. Eu queria fazer trabalhos especificamente sobre os soldados veteranos, pois tinha a impressão de que a história deles não havia sido contada.

Naquela época eu fazia parte também de um grupo da comunidade de Melbourne, em um bairro chamado Brunswick, perto do local onde eu morava; era chamado Grupo de História da Comunidade de Brunswick.

Assim, decidi contatar as organizações de veteranos de guerra em Brunswick e descobrir se ainda havia por lá veteranos da Primeira Guerra Mundial. E entrevistei três deles. Era quase impossível entender as entrevistas — eram confusas, extremamente entrecortadas. Hoje analiso a maneira como fiz as perguntas e tudo mais. A primeira entrevista foi com um senhor, Harold Blake, e sua mulher, cujo nome não me lembro. Eu não sabia como fazer as pessoas falarem e eu ir respondendo apenas sim, não, respostas curtas, e foi uma boa experiência.

Mas a terceira entrevista que fiz naquela ocasião — eu estava cursando o último ano de História — foi com um senhor chamado James McNair. Acho que foi essa entrevista que me fez perceber que a História Oral é uma coisa maravilhosa; ele morava sozinho, e ficava feliz quando tinha alguém com quem conversar. McNair era muito animado, conversava muito. Fiquei absolutamente entusiasmado. E as histórias que ele me contou eram extraordinárias — sobre a guerra, sobre a volta para casa. James tinha muito humor, e sabia cantar algumas canções. Essa foi uma excelente oportunidade para me sentar e ouvir, e estimular as pessoas a falar sobre

sua própria vida. Fizemos anotações sobre as entrevistas e depois enviamos a transcrição para uma revista de História para estudantes. Infelizmente, James morreu pouco antes de a entrevista ser publicada, e isso foi uma pena. Seus dois filhos ficaram contentes, pois eu conservara uma cópia da fita e da transcrição. Foi a primeira transcrição que datilografei, e eles puderam guardar a fita e a transcrição. E aí percebi que James tinha se divertido, tinha curtido a situação. Os filhos ficaram satisfeitos em poder guardar uma gravação sobre a vida do pai, e eu me senti animado com o projeto que estava desenvolvendo.

Talvez tenha sido essa entrevista que me fez decidir que — quando eu começasse o mestrado no ano seguinte — faria uma pesquisa mais ampla, enfocando o impacto provocado pelos soldados quando eles voltaram para a Austrália. Assim, iniciei um projeto em um bairro da região oeste, que envolvia entrevistas, e fiz todas elas antes de ir para a Inglaterra, pois foi somente no final do ano que recebi uma carta, dizendo: “Você conseguiu uma bolsa de estudos, afinal. Poderia estar na Inglaterra dentro de dois meses?”. Eu já havia feito todas as entrevistas, e meu projeto estava bem adiantado. Precisava decidir o que fazer. Então, encerrei as 25 entrevistas e fui para a Inglaterra, e um ano depois voltei com as transcrições.

Outra coisa que aconteceu aquele ano, antes de minha viagem: consegui meu primeiro emprego relacionado com História Oral. Foi na época em que o governo australiano estava começando a financiar projetos de História Oral em várias partes do país, devido ao Bicentenário, que estava próximo — duzentos anos desde que Arthur Philip e a primeira frota de condenados haviam se estabelecido na Austrália. Portanto, havia muitas verbas, e a História Oral fazia parte dos projetos. Havia um grande projeto sobre História Oral para o bicentenário e nele estavam envolvidos dezenas de historiadores orais. Mas consegui um emprego. Havia um projeto chamado Projeto de História Oral do Bicentenário do Parlamento, que envolvia entrevistas com políticos aposentados, em várias partes do país. Inscrevi-me como um dos entrevistadores. Éramos dois ou três em cada estado, e eram cerca de seis estados. O emprego era excelente, pois éramos pagos para fazer uma coisa da qual gostávamos, para fazer pesquisa e para realizar entrevistas, para fazer anotações; depois, outra pessoa fazia a transcrição. E era você quem decidia qual seria a duração da entrevista; podia durar dez horas, 25 horas, ou levar mais tempo ainda. Eu e as outras pessoas envolvidas no projeto decidimos que não queríamos simplesmente fazer entrevistas políticas, limitadas sobre o que acontecera. Queríamos

colocá-las no contexto da vida dos entrevistados e analisar como suas idéias e conceitos políticos haviam se formado e mudado, enfim, esse tipo de coisa.

DP: Qual foi o resultado dessa pesquisa? O que você fez com as entrevistas?

AT: Eu era apenas um funcionário. Havia dez de nós fazendo entrevistas pelo país. Não tínhamos nenhum controle sobre o que aconteceria depois. Isso era com a biblioteca do Parlamento, em Canberra. Eles recebiam as fitas e faziam as transcrições, que eram encaminhadas não a nós, mas sim aos entrevistados, para verificação, correção, ou para decidirem que trechos queriam eliminar. A seguir, as entrevistas eram classificadas e colocadas no arquivo da biblioteca do Parlamento, como fonte para pesquisadores, e também para consulta pela pessoa dona da história.

DP: Portanto, era tudo História Oral. Isso foi no início da década de 1980, certo?

AT: Em 1982. Mas na Austrália, na década de 70, a História Oral já estava muito difundida. Pessoas como Wendy Lowenstein fizeram uma História Oral sobre a Depressão, chamada *Weevils in the flour* (Carunchos na Farinha), que causou grande impacto.

Patsy Adam-Smith fez uma das primeiras histórias orais sobre os *Anzacs*, e muitas outras também. Elas faziam parte da História Oral. A História Oral dos imigrantes foi muito importante naqueles primeiros anos e, mais recentemente, na década de 90, a História Oral de mulheres e trabalhadores; a história dos aborígenes é muito importante; inicialmente foi feita por historiadores brancos, mas atualmente é feita principalmente pelos próprios aborígenes.

DP: Havia alguma resistência por parte dos historiadores mais tradicionais?

AT: Na Austrália? Ah, sim! Houve muita polêmica. Exatamente como na Inglaterra.

DP: Aliás, como em toda parte...

AT: Estou tentando me lembrar em que ano foi... 82, 83, ou 84-85. Um exemplar da revista da Associação de História Oral da Austrália publicou uma grande polêmica.

Não sei se foi iniciada em uma reunião, pois eu não estava presente. Sei que várias pessoas enviaram opiniões, a favor ou contra. Havia um rapaz — acho que seu nome era Patrick O’Farrall — que escreveu um artigo muito útil, uma das críticas mais severas sobre História Oral; aponta coisas que considero erradas com relação à História Oral. Vários historiadores que trabalham com História Oral responderam. E os argumentos eram os mesmos usados na Inglaterra: as lembranças não são confiáveis, a entrevista é tendenciosa, não é uma amostra suficientemente representativa, a memória das pessoas idosas é distorcida, enfim, coisas desse tipo.

E as respostas, parecidas com as que ocorrem na Inglaterra, eram... é isso que eu estava dizendo ontem: eles tendiam a responder a essas críticas em seus próprios termos, tentando descobrir como fazer com que as lembranças sejam confiáveis, como conseguir uma amostra representativa, e argumentavam que a memória das pessoas idosas não necessariamente estava deteriorada — o que às vezes é verdade — e diziam que documentos escritos também podem ser falhos, então, por que toda essa polêmica? Outros argumentavam que as lembranças ditas não confiáveis são mais um recurso que um problema. Quando penso em pessoas como Alessandro Portelli...

O Grupo de Memória Popular — em 1992-93 eu fazia parte de um grupo de historiadores pós-graduados e tínhamos aquele livro, vocês conhecem, *Making history* (Fazendo História)?

DF: Sim, tenho um exemplar.

AT: Todas as semanas enfocávamos um livro diferente, ou um trecho de um livro, inclusive o capítulo sobre o Grupo de Memória Popular. Isso foi em Melbourne, que fica a cerca de 20.000 km de distância de Brighton. E achávamos aquilo realmente interessante. Esse trabalho fez com que começássemos a pensar de forma mais crítica sobre os assuntos, sobre memória, e como seria possível superar aqueles velhos argumentos e descobrir formas de trabalhar com a memória, de modo a fazer com que ela funcionasse.

Acho que isso nos distanciava da tradição da história positivista e da tradição empírica, levando-nos a algo que realmente refletia a natureza particular e o valor das lembranças. Isso estava começando a acontecer na Austrália no início da década de 80.

DP: Esse grupo de historiadores orais... eram muito jovens. Ficavam eles à margem do establishment histórico?

AT: Eu não pertenço à primeira leva de historiadores orais australianos. Dez anos depois, realmente... Na época em que começamos a fazer História Oral, não havia problema. Acho que ainda restava uma certa dúvida: se você, ao pretender iniciar um doutorado em História Oral, teria de apresentar um anexo com suas transcrições — o que é ridículo, pois isso não era exigido para fontes escritas. Portanto, ainda havia um pouco de desconfiança. Mas estava praticamente acabando. Muitos historiadores australianos da Universidade de Melbourne recorriam à História Oral e estavam muito empenhados nos projetos para o Bicentenário. Assim, na década de 90, a História Oral era bastante reconhecida e aceita. Acho que em Melbourne predominavam entre os professores e as historiadoras socialistas feministas, embora houvesse também historiadores conservadores.

DP: E quanto às principais influências teóricas que você sofreu, elas vieram da Inglaterra?

AT: No meu caso suponho que sim, pois fui então para a Inglaterra e li os trabalhos do Grupo de Memória Popular, os de Luisa Passerini e de Sandro Portelli. Fui para a Inglaterra pensando que as melhores idéias estariam lá, que você precisa ir à Inglaterra, e logo percebi que, na verdade, em Melbourne estávamos fazendo coisas muito interessantes também. Acho que muitas pessoas com quem trabalhei em Melbourne estavam realizando um trabalho bastante crítico e consciente sobre memória e sobre História Oral, portanto havia idéias desenvolvidas no próprio país. Sem dúvida, o Grupo de Memória Popular e os historiadores orais italianos me influenciaram muito; assim como algumas pessoas com quem trabalhei, alguns pós-graduados, antes de minha ida para a Inglaterra, em 1983.

DP: Alistair, tenho uma curiosidade com relação ao funcionamento dos Arquivos Nacionais. Como é que funcionam e qual é o tratamento que dão ao documento oral?

AT: Normalmente, é um sistema do governo. Não sei quando a Associação de História Oral foi fundada, mas deve ter sido no final da década de 70, ou início de 80

(acho que no final da década de 70). O sistema de História Oral é federal; há uma Associação de História Oral Australiana, com uma filial em cada estado. Na verdade, há um sistema de rodízio entre os estados para a presidência da Associação Nacional, e a maioria das filiais tem um boletim; quase todos os estados têm uma biblioteca pública.

Atualmente, em geral a biblioteca pública tem um departamento de História Oral, freqüentemente com um curador. Sydney tem uma excelente biblioteca pública para o programa e projetos de História Oral. O mesmo acontece na Austrália Ocidental. É estranho, mas em Melbourne o programa é mais fraco; a biblioteca pública é a menor de todas nesse setor. Mas eles tinham Patty Adam-Smith, que fez a primeira História Oral sobre os *Anzacs*, uma das primeiras desse tipo. Ela era curadora, trabalhava na biblioteca de Melbourne, e passou a coletar uma grande quantidade de material. E foi assim que começou a fazer História Oral, pois ao coletar diários e cartas e coisas desse tipo percebeu que, na verdade, as pessoas estavam lhe contando coisas tão interessantes quanto aquelas que já haviam sido escritas. E passou a compilar esse material.

Acho que os Arquivos são, de fato, magníficos. Estive em Sydney no ano passado. Lá, normalmente as pessoas estão trabalhando em projetos. Elas não apenas coletam material sobre História Oral. Em geral, têm um ou vários projetos em andamento ao mesmo tempo, dependendo das verbas. Não estou muito bem informado, mas sem dúvida as verbas fazem uma grande diferença. E o Bicentenário, em 1988, teve um grande impacto na liberação de verbas para projetos em todo o país. Eu não estranharia se alguns deles tivessem acabado em nada. Desde aquela época, tem sido uma guerra conseguir verbas.

Sim, os arquivos são bons. Existe uma política em Sydney — que, suponho ser igual em todos os outros lugares — de não transcrever todas as fitas existentes na biblioteca. Fazem uma classificação e resumos bastante claros. Rosie Block, encarregada do setor de História Oral da biblioteca pública de Sydney, diz que se você transcrever uma fita para dá-la aos historiadores que procuram a biblioteca, eles jamais ouvirão a gravação, vão apenas ler a transcrição e com isso perderão muita coisa importante. Assim, o que a biblioteca tem é uma classificação detalhada de cada entrevista, e o melhor proveito possível é tirado do testemunho oral. Se você tiver uma classificação bem-detalhada, com marcação semelhante àquela feita com o contador do toca-fitas, um bom sistema técnico que permita encontrar ra-

pidamente a seção, não fica tão ruim. Mas o ideal é ouvir a fita toda. Ou seja, você deve fazer o que, acho, a maioria dos historiadores não faz. Muitos usam apenas a transcrição e, com isso, perdem muita coisa. Mas, se você se força a ouvir, descobre muitas coisas: percebe as pausas e os silêncios, a entonação, o que não acontece na transcrição, mesmo quando você se esforça. E, se for um vídeo, você pode ver a expressão da pessoa, as lágrimas, o entusiasmo, os sorrisos, enfim, coisas desse tipo. E praticamente consegue “sentir” o diálogo.

DP: Qual a contribuição da tradição oral australiana para o florescimento da História Oral na Austrália? Quando se começou a desenvolver projetos de História Oral no Brasil, ficou explícito o quanto a documentação escrita oficial não cobria a pluralidade de experiências aqui encontradas.

DF: Muitas dessas pessoas são analfabetas; nunca tiveram oportunidade de escrever nada. A maioria das tradições é transmitida oralmente.

AT: Portanto, havia uma tradição oral antes de haver a História Oral.

DF/DP: Sim, é verdade.

AT: Penso que isso é verdade. Seria diferente em partes diversas da sociedade australiana. A sociedade aborígine é uma sociedade oral; assim, os membros mais velhos das tribos — como os Griot, na África —, contando suas histórias imaginárias. Portanto, para a nova geração, parte da iniciação estava ligada a isso. Acho que a História Oral pode ser facilmente relacionada com essa tradição. Há tensões, tensões muito sérias, histórias que eram segredo. Havia histórias apenas para mulheres e histórias apenas para homens; portanto, é difícil contar essas histórias em público. Na Austrália branca, sim, há tradições folclóricas muito fortes, embora o país seja relativamente jovem. A sociedade tipo fronteira criava histórias. Cartas — talvez seja comum, se as pessoas forem alfabetizadas, escrever cartas para casa. Assim, há uma fonte muito rica de tradição autobiográfica, a troca de cartas com o país de origem da pessoa. Havia esse tipo de coisa. Sim, acho que existe um forte movimento na Austrália voltado para a cultura popular, que tem ligação com a História Oral, mas tem um enfoque diferente.

DF: Sim, o extraordinário.

AT: ... o extraordinário, o anedótico, para não usar essa palavra em um sentido mais amplo.

DF: ... o excepcional...

DP: Como foi o tempo que você passou na Inglaterra? Como foi a experiência de morar lá?

DF: Começar de novo...

AT: Eu queria ir para a Inglaterra, mas quando consegui a bolsa de estudos fiquei surpreso, pois realmente não esperava; tive de decidir rapidamente o que fazer, para onde ir. Uma das razões pelas quais eu achava que deveria ir para a Inglaterra era que grande parte dos conhecimentos que adquiri durante o curso de História na Austrália havia sido sobre História Australiana, e achei que seria importante estudar História Inglesa, que servira como modelo para uma boa parte da História Australiana. E percebi que eu não tinha feito nenhum trabalho sobre esse gênero de História, portanto achei que seria apropriado fazer alguma coisa nessa área. Consegui uma lista de todas as universidades da Inglaterra e perguntei a um amigo quais universidades tinham cursos de História Social; ele me informou que eram Essex, Sussex, Warwick e Lancaster. E perguntei a mim mesmo por que não escolher uma delas.

Foi quase casual. Ao mesmo tempo, um dos livros que lemos no grupo de leitura foi *People's history and socialist theory* (A história do povo e a teoria socialista). Tivemos um Workshop durante o qual houve uma série de debates sobre a história do povo e sobre a editora da comunidade, debates com Jerry White, Stephen Yeo e Kem Worpole. Eram assuntos nos quais estávamos interessados. E lembro-me de que no rodapé do trabalho apresentado por Stephen Yeo havia uma nota: "Stephen Yeo trabalha na Universidade de Sussex e tem grande atividade na Queenspark Books, Editora da História da Comunidade". Então, quando li aquela nota, me decidi: "É para Sussex que eu vou".

Procurei fazer duas coisas: história acadêmica e história social, e me envolvi também com a Queenspark Books. Na verdade, isso foi o que aconteceu. Foi estranho

ir para outro país, pois você pode mudar de vida, ser outra pessoa. E, depois de ter sido australiano, um garoto de classe média-alta filho de um político e tudo mais, de repente eu podia ser quem eu bem entendesse — essa liberdade era uma coisa muito agradável.

O grupo de História ia bem. Eles não perceberam que estávamos fazendo coisas interessantes em Melbourne. Coisas parecidas com as que vocês estão fazendo aqui. Como pós-graduados, editávamos nossa própria revista, organizávamos conferências e atuávamos em grupos de história da comunidade, enquanto em Sussex os pós-graduados faziam uma dissertação e alguns cursos. Mas lá não havia aquele tipo de cultura ativa que existia em Melbourne, e isso me desapontou um pouco. Mas ao mesmo tempo me envolvi com a Queenspark Books, que estava desenvolvendo um projeto sobre um homem chamado Harry Cowley, um limpador de chaminés que acabou se tornando uma espécie de líder populista; ele fazia campanhas a favor dos desabrigados, pensionistas, coisas desse tipo. Não era um socialista, ou um radical; era um populista, e algumas pessoas o odiavam. De qualquer modo, fizemos um projeto de História Oral. E passei a fazer entrevistas; fizemos um vídeo e um livro sobre esse homem. Participei ativamente e fiz muitos amigos, foi maravilhoso.

DP: Você se sentiu um estranho quando foi para a Inglaterra?

AT: Sim. Eu pertencço à quinta geração australiana. Meus antepassados chegaram à Austrália em 1830, 1840. Eu era australiano, mas não apenas isso, minha identidade australiana havia se formado em oposição à britânica, aos hábitos ingleses, não através de revolução ou coisa parecida; na verdade, todas as afirmações de nacionalismo australiano, de identidade nacional, nos séculos XIX e XX, insistiam em que éramos diferentes dos ingleses.

E eu absorvi essa idéia. Além disso, eu fazia parte da geração que se tornou adulta na década de 70, quando a Austrália tinha um governo trabalhista. Era um governo profundamente nacionalista nas artes, no cinema, na literatura. Assim, cresci assistindo a filmes australianos, lendo livros australianos e tudo mais. Eu me sentia muito australiano; embora houvesse coisas familiares sobre a Inglaterra, eu era um estrangeiro e me sentia assim. Era interessante. Tenho lido algumas pesquisas sobre

os britânicos e gregos que imigraram para a Austrália, e há argumentos afirmando que os imigrantes gregos sabem lidar com problemas relativos à identidade muito melhor que os imigrantes britânicos porque as diferenças entre a cultura grega e a cultura australiana são muito mais óbvias e as pessoas percebem e reconhecem isso, enquanto os britânicos que imigraram para a Austrália, por outro lado, sabem que para eles deveria ser mais fácil, pois há muitas coisas parecidas: a mesma língua, as mesmas tradições, etc. Mas na verdade existem diferenças sutis sobre a língua, a cultura, a identidade e, quando essas diferenças não são muito óbvias ou não são reconhecidas, a situação fica mais difícil. Mas acho que, em termos de racismo, é mais fácil ser um australiano na Grã-Bretanha do que um caribenho. Em geral, os australianos gozam de boa reputação na Grã-Bretanha, principalmente entre os ingleses da classe trabalhadora. Tive mais problemas com ingleses da classe alta, pessoas que costumam tratá-lo de modo superior, imaginando que, por ser australiano, você deve ser ignorante, mera ralé. O povo australiano é tão culto quanto o povo britânico.

Mas quase sistematicamente os britânicos da classe trabalhadora tinham parentes que haviam imigrado, e queriam falar sobre isso — e me acolheram com muito carinho. Na verdade, ter um sotaque australiano na Inglaterra foi uma benção porque, enquanto na Inglaterra as pessoas são classificadas de acordo com seu sotaque e com seu modo de vestir, mas principalmente com o sotaque — meu sotaque australiano significava que eu estava fora disso, eu era australiano. E significava que eu podia fazer coisas, como me envolver com a Queenspark Books e com a classe trabalhadora com muito mais facilidade, e ser aceito muito mais facilmente que na própria Austrália. Portanto, de certa forma..., era uma vantagem. Mas às vezes você se sente como se não estivesse sendo reconhecido. As coisas ao seu redor não fazem sentido.

DF: Os canadenses dizem a mesma coisa com relação aos Estados Unidos.

AT: Sim.

DP: Alistair, a sua permanência na Inglaterra deveu-se ao trabalho acadêmico?

AT: Não, eu tinha planejado ficar lá por um ano, para fazer o mestrado, em parte porque queria voltar e terminar o projeto de entrevistas. Havia feito as entrevistas e não podia simplesmente deixá-las pendentes. E em parte porque eu rejeitava um pouco a vida acadêmica. Não queria fazer um doutorado. Queria trabalhar com História, fora da universidade. E esse tipo de trabalho não era possível na Inglaterra. Na Austrália, sim; lá você podia ser um historiador autônomo. Por isso eu queria voltar. Foi interessante morar na Inglaterra por um ano, mas eu jamais quis ficar lá permanentemente. Politicamente, o país amedrontava; economicamente, era um caos; culturalmente, era atrasado. Vou ter problemas se falar mais alguma coisa...
[Vários risos].

DP: O clima...

AT: O clima? O clima é terrível. É terrível, as praias são malcuidadas, enfim, esse tipo de coisa. Por tudo isso, eu realmente gostava de ser australiano. Portanto, eu queria voltar. Antes de deixar a Inglaterra participei de um movimento pacifista, e conheci uma mulher com quem fiquei muito envolvido. É por isso que...

DF: Sentimental...

[Várias vozes, risos]

AT: Às vezes as coisas atravessam seu caminho. Eu havia planejado voltar à Austrália depois de um ano na Inglaterra. Encontrei essa pessoa no final do ano. Já havia decidido voltar para minhas entrevistas e meu trabalho anterior. Assim, voltei para a Austrália por um ano, para decidir se voltaria ou não para a Inglaterra, a fim de ficar com Fiona, e passei mais um ano na Austrália. Isso foi muito importante, pois eu estava tentando fazer o que sempre quis: desenvolver um trabalho de historiador sem estar ligado a uma universidade.

DP: Você trabalhou como autônomo, não?

AT: Sim, durante um ano. Trabalhei no projeto do Bicentenário. Entrevistei até mesmo meu pai, o que foi interessante; na época ele já estava aposentado. Ele perdera as eleições e tinha se afastado da vida política. Entrevistei também minha mãe, pois nós, do projeto, sempre achamos que seria interessante entrevistar o cônjuge e isso

incluía os políticos também — o cônjuge sempre desempenha um papel importante na vida política.

DP: E como foi isso?

AT: Bem, ao todo, entrevistei meus pais durante 25 horas — não é sempre que você tem a chance de fazer isso. [risos] Foi difícil porque freqüentemente meu pai e eu discutíamos muito a respeito de minha pesquisa sobre os *Anzacs* e sobre política em geral. Por outro lado, muitas vezes eu tinha oportunidade de dizer simplesmente: “Fale-me sobre você”. Pesquisei bastante o passado de meu pai, sua vida política. Foi muito interessante porque no fim ele passou a contar coisas sobre sua infância que provavelmente não tinha conseguido contar antes.

DP: E você já sabia muitas coisas sobre a vida dele?

AT: Eu estava começando a ter uma idéia melhor e a entender sua indignação. E ele estava começando a dizer coisas que nunca havia dito antes. Não me lembro muito bem, havia dois trechos da entrevista que ele pediu que não fossem revelados antes de sua morte; um era sobre um desagradável incidente político e outro sobre sua infância difícil. Acho que foi minha única entrevista em que o entrevistado fez restrições quanto à divulgação, e essa pessoa era justamente meu pai. Isso é interessante.

E desenvolvi esse projeto. Foi muito bom. Era realmente uma boa maneira de ganhar a vida, ganhávamos muito dinheiro. E éramos pagos para fazer entrevistas em várias partes do estado. Entrevistei um rapaz extremamente direitista, um político da classe trabalhadora irlandesa, um irlandês católico. Valeu a pena.

Fiz, juntamente com uma amiga, Katie Holmes, um outro trabalho sobre História Oral, entrevistas com o pessoal do Corpo de Bombeiros de Melbourne. Descobri que conhecera o chefe do Corpo de Bombeiros, um velho soldado, quando eu era criança. Ele era um verdadeiro reacionário e não gostou das entrevistas, porque tinha havido uma grande greve no município, e o Corpo de Bombeiros ficara dividido. Naquela época, as pessoas pertencentes àquele órgão viviam no mesmo setor em que ficavam os caminhões: as famílias, os bombeiros, os comandantes, todos. Quando ocorreu a greve, houve uma incrível divisão entre os comandantes. E nós nos envolvemos. Era uma situação muito tensa. Descobrimos várias

histórias sobre a greve. O Corpo de Bombeiros queria um livro leve, um livro bonito, com fotos e histórias bonitas, porque era o centenário da organização, e eles queriam mostrar uma história bonita. Eles tinham nos contratado para fazer as entrevistas e a pesquisa, mas eu acabei não escrevendo o livro. Essa foi a primeira vez que trabalhei para um empregador cujo objetivo era diferente do normal. De qualquer modo, as entrevistas eram propriedade do Corpo de Bombeiros, e eles não quiseram que fizéssemos a transcrição.

DF: E o livro nunca foi escrito.

AT: Não, nunca. Eles eram os donos das fitas. Fiz algumas palestras, algumas conferências sobre o assunto. Não podíamos publicar o material, não era nosso. Portanto, foi algo parecido com o que está acontecendo aqui no Brasil, o mesmo tipo de coisa.

DF: Sim, sem dúvida.

AT: O mesmo tipo de tensão.

DF: Isso é interessante.

AT: Outro projeto realmente interessante que fiz naquele ano foi em Footscray, um bairro de Melbourne. Tenho um amigo, John Lak, um rapaz muito legal, que é historiador da Universidade de Melbourne; ele foi criado em Footscray, seu pai trabalhava com carnes. A Câmara de Footscray pedira a John Lak para escrever uma história sobre aquele bairro de trabalhadores. Ao mesmo tempo, ele queria criar um projeto de conservação urbana, pois naquela época havia na Austrália um movimento muito forte sobre preservação arquitetônica. Queria fazer algo diferente; esses trabalhos são em geral sobre os bairros industriais ou sobre os bairros residenciais dos ricos, as casas luxuosas. E em Footscray não havia classes desse tipo, pois era um bairro de trabalhadores. Havia, sim, grandes fábricas e coisas semelhantes. E tivemos de pensar como desenvolver um projeto de conservação urbana em um local como aquele.

Portanto, meu trabalho era fazer um relatório preliminar para a Câmara, com sugestões sobre o que deveria ser feito. E, paralelamente, eu trabalhava com um

grupo de alunos da Universidade de Melbourne em um curso sobre conservação urbana. Assim, eram várias coisas. Acabamos preparando um relatório que explorava as possibilidades de fazer um estudo sobre conservação que se concentrasse no que as pessoas que moravam naquela área consideravam importante: quais os lugares e espaços que gostariam de ver preservados — as casas onde moravam, ou determinadas ruas? O cinema, o velho cinema, que estava bastante deteriorado — isso era extremamente importante, pois era o local em que muitas daquelas pessoas tinham namorado, encontrado suas atuais esposas, se beijado na última fila, enfim, coisas desse tipo.

E também as velhas fábricas, havia muita tensão com relação aos frigoríficos, que estavam para ser demolidos, e onde a maioria das pessoas tinha trabalhado, ou vivido nas imediações... Era um local que gostariam de preservar? Ou era alguma coisa que preferiam que fosse destruída? Esse foi um projeto realmente interessante, para o qual fizemos algumas entrevistas informais. Não fazíamos gravações, apenas conversávamos com as pessoas sobre aqueles lugares. Se havia no bairro locais que eles gostariam de ver preservados, quais seriam?

DF: E qual é idéia deles sobre preservar? Não é o estilo, a arquitetura...

AT: Ou, se for a arquitetura e o estilo, é a arquitetura que pertence a eles.

DF: Sim, isso faz sentido para eles; locais dos quais eles gostam, ou que tenham como ponto de referência.

AT: Foi complicado, pois era um bairro de imigrantes. Havia diferentes grupos, na verdade. No século XIX, aquele bairro fora anglo-irlandês. E durante o século XX houve gregos, italianos, vietnamitas, etc. E cada novo contingente tinha contribuído para mudar o ambiente. Assim, como fazer um projeto de preservação que, não fosse estático e mostrasse também que as mudanças continuavam acontecendo. Esse é um dos problemas da preservação, você simplesmente faz com que as coisas parem de acontecer. Os ambientes urbanos mais interessantes são aqueles que mostram as camadas de mudanças — não as camadas de lembranças — as camadas de mudanças físicas. Portanto, era algo realmente empolgante. Adorei esse projeto. E então, o que mais fiz? Eu ainda participava do Grupo de História da Comunidade

de Brunswick, que incluía um novo projeto chamado O Museu do Oeste Vivo, que também tinha como base Footscray; era um projeto sobre a história da comunidade, História Oral e fotografia, que estava sendo iniciado. Fiz parte do Comitê de Gerenciamento durante um ano, apenas para me inteirar sobre o que estava sendo feito. Quando o comitê se desfez, eu estava fora. Houve tensões muito fortes entre os profissionais que eram pagos e as pessoas que moravam no Oeste. Desenvolvi também alguns trabalhos em escolas — *workshops* sobre História Oral, com crianças, e coisas desse tipo. Foi realmente muito interessante. Foi muito difícil tomar a decisão de voltar para a Inglaterra. Eu estava dividido; mas queria voltar para ficar com Fi.

DP: Nessa época, na Inglaterra, você iniciou o projeto sobre os *Anzacs*.

AT: Sim, comecei esse projeto antes de ir para a Inglaterra, em 1983. Seis meses antes de viajar, eu já tinha feito todas as entrevistas. Só depois viajei. Naquele ano, durante minha estada na Inglaterra, não trabalhei nas entrevistas. Fiz um curso de pós-graduação, porém não em História Oral. E quando voltei para Melbourne eu tinha as transcrições das entrevistas e visitei novamente as pessoas entrevistadas, conversei com elas e comecei a pensar o que eu poderia fazer com as entrevistas. Naquela ocasião eu já sabia que voltaria à Inglaterra em setembro, e ainda estávamos no início do ano. O que eu poderia fazer com as entrevistas? Fiz algumas coisas. Havia um rapaz, Stan D'Altera, de quem eu gostava muito. Ele morreu há pouco tempo. Escrevi um artigo sobre ele para a Sociedade Histórica de Footscray, com base nas entrevistas. Foi muito agradável.

Pensei em fazer algo que, de preferência, pudesse ser completado no prazo de um ano. Achei que seria interessante me concentrar nos quatro homens que eu entrevistara antes e que tinham muito a dizer quando voltaram da guerra. Havia muitos como eles. Tinham se tornado socialistas e pacifistas. E a história deles nunca fora contada. Achei que isso era importante. Assim, escrevi um manuscrito que chamei *The forgotten Anzacs* (Os Anzacs Esquecidos). Era uma transcrição revisada do depoimento daqueles quatro homens. Revisei os depoimentos e acrescentei uma conclusão, procurando enquadrá-la no contexto. Terminei de escrevê-la antes de voltar para a Inglaterra. E depois procurei vários editores. Um deles afirmou que publicaria o manuscrito se o Memorial de Guerra Australiano (o museu da guerra)

participasse como co-editor. O pessoal do Memorial examinou o manuscrito e decidiu não publicá-lo, alegando que não considerava representativas as histórias daqueles quatro homens. Era exatamente isso que eu estava tentando argumentar: elas não eram representativas, eram diferentes! E isso era o que importava.

Portanto, esse livro jamais aconteceu. E então, quando voltei para a Inglaterra, comecei a achar que precisava repensar aquele projeto, não apenas pensar sobre aquelas quatro entrevistas, mas sobre todas elas, e explorar a história dos rapazes que realmente participaram das marchas do Dia dos *Anzacs* e de fato viveram aquela vida um tanto legendária. Como eu poderia compreender isso e, portanto, como poderia compreender por que a lenda era tão importante para aqueles homens? Ela fora rejeitada por alguns ex-soldados, mas para a maioria deles era muito importante.

Assim, o projeto mudou. Foi quando voltei para a Inglaterra. Eu não sabia... A única maneira que me possibilitaria viver na Inglaterra — pois eu não poderia trabalhar, por ser australiano — seria fazer um doutorado. Eu tinha outros dois anos de bolsa. Assim, apesar de minha idéia inicial de nunca fazer um doutorado...

DP: Você fez.

AT: Sim. fiz. E isso levou mais de dois anos.

DP: Na época em que você estava trabalhando no projeto *Anzac* seus avós ainda eram vivos?

AT: Não, eles já tinham morrido. Um deles morreu antes de eu nascer. O outro, quando eu era adolescente.

Portanto, foi quando voltei para a Inglaterra que finalmente comecei um trabalho mais detalhado sobre o Grupo de Memória Popular e sobre a teoria e a prática da História Oral e comecei a pensar sobre todas as discussões a respeito de História Oral e também que eu talvez pudesse realizar outra série de entrevistas com alguns dos veteranos. Assim, voltei para a Austrália em 1987 por alguns meses e fiz a segunda série de entrevistas. A maioria dos entrevistados já tinha morrido — eram muito velhos, estavam perto dos noventa, mas cinco deles ainda estavam vivos. E entrevistei esses cinco. Foram entrevistas diferentes. As primeiras haviam sido so-

bre a história da vida deles, e foi tudo bem. Na segunda série — em parte porque eu já conhecia a história da vida deles — as entrevistas foram mais uma exploração sobre alguns assuntos, sobre coisas das quais eles se lembravam e sobre a opinião deles quanto à lenda dos *Anzacs*.

DP: Quanto tempo levou o processo todo de pesquisa?

AT: Até que o livro fosse publicado?

DP: Sim.

AT: 11 anos [risos]. Fiz a primeira série de entrevistas em 1983 e a segunda em 1987. Levei dois anos, em tempo integral, para fazer o doutorado. E então, como minha bolsa de estudos tinha terminado, dei aulas, trabalhei para a Queenspark Books e tive outros empregos de meio período, enquanto terminava o doutorado.

[risos]

DF: Aqui isso não é permitido.

AT: É muito difícil. Era uma coisa que eu fazia à noite, ou nos fins de semana, portanto levei muito tempo para escrever.

Terminei o doutorado em 1990, e então o editor com quem eu trabalhava... queria que eu mudasse o que havia escrito, queria que eu eliminasse a teoria do texto principal e a colocasse em um apêndice no final, de modo que não espantasse os leitores; com o que concordei, pois eles não queriam que fosse um livro acadêmico, mas que atingisse um público maior. E queriam que eu desse ênfase às histórias dos homens. Acho que estavam certos. Finalmente terminei o trabalho, cerca de dez anos depois que começara. Na ocasião, porém, apenas um dos entrevistados ainda estava vivo, o que, como eu disse, realmente me deixou triste. Eles ficaram entusiasmados com o livro e com o fato de que a história de seus parentes havia se transformado em História. Muitos membros das famílias dos entrevistados compareceram ao lançamento do livro.

DP: Fiquei muito bem impressionada com seu curriculum vitae, com o número de trabalhos (livros) que você escreveu, estudos e artigos, mesmo durante o doutorado,

e tudo mais; no início desta entrevista você disse que não queria seguir a carreira acadêmica, mas você tem uma formação acadêmica muito bem-sucedida, e num certo sentido precoce...

AT: Como eu disse, acho que foi na época daquela experiência, durante meu segundo ano na faculdade, que me decidi a fazer História. O outro lado da questão era o que meu professor dissera, que você deve escrever e publicar história. Só porque você é um estudante não significa que não pode publicar, portanto, quando eu ainda estava na faculdade, escrevi a resenha de um livro e um artigo sobre as memórias de Gallipoli, que foram publicados na revista dos pós-graduados. Desde então, passei a achar que deveria escrever sobre tudo que fizesse, senão, de que adiantaria fazer o trabalho? Seja um ensaio escrito por um aluno ou um ensaio para um doutorado. Portanto, publiquei trechos do livro, antes que ele saísse, e também matérias sobre educação de adultos, além de trabalhos da editora da comunidade nos quais eu estava envolvido.

DP: Seu currículo diz também que você trabalhou como pesquisador na BBC.

AT: Sim, foi apenas um pequeno trabalho, conforme já disse, quando minha bolsa terminou; eu tinha de sobreviver, portanto tinha de fazer tudo que pudesse...

DF: Arrumar um emprego?

AT: Sim, arrumar um emprego, é estranho também; tive um trabalho realmente interessante como administrador da Queenspark Books durante vários anos, apenas um dia por semana; a Queenspark fazia parte da Federação Nacional dos Escritores da Classe Trabalhadora; é chamada Federação dos Escritores Trabalhadores e Editora da Comunidade; há grupos em toda a Inglaterra, cerca de 50 grupos. Eu me candidatei a um emprego na Federação Nacional e desenvolvi esse trabalho durante alguns anos; mas durante todo o tempo estava fazendo outras coisas também — dava algumas aulas, ensinava estudos culturais, História, dava aulas para adultos. Não me lembro por que, fiz algumas pesquisas usando o que chamamos de Arquivo de Observação das Massas, sobre o qual já conversei com Yara; esse arquivo foi iniciado na década de 30; vários antropólogos e jornalistas queriam organizar um arquivo sobre a antropologia da vida cotidiana na Grã-Bre-

tanha e, para tanto, recrutavam voluntários em todo o país, para observar a vida ao seu redor e depois escrever sobre ela, e para escrever um diário sobre sua própria vida. Isso foi feito durante cerca de 20 anos, da década de 1930 à de 1950, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial. É um recurso excepcional para a história social da Segunda Guerra. Todo o material foi enviado para a Universidade de Sussex, e, mais tarde, na década de 80, o projeto foi retomado e foram recrutados voluntários em toda a Inglaterra para escrever sobre sua vida, respondendo ao que chamamos de diretrizes, que eram enviadas mais ou menos três vezes por ano. A arquivista, minha amiga Dorothy Sheridan, envia um questionário, não, não é exatamente um questionário, são diretrizes mesmo, pedindo que as pessoas escrevam, por exemplo, sobre religião, sobre suas experiências, e dêem respostas francas sobre um determinado tópico; esse material volta então para o Arquivo, e assim foi formada uma vasta coleção, que é uma fonte extraordinária para se fazer qualquer tipo de trabalho de história social ou de sociologia sobre a Grã-Bretanha dos anos 80 e 90.

Já usei esse Arquivo, pois uma das diretrizes era sobre educação, e consultei o material para meu trabalho. Eu estava dando um curso de estudos culturais sobre a Grã-Bretanha e sobre as lembranças e experiências de guerra na Grã-Bretanha do século XX; dei esse curso logo depois da Guerra das Malvinas; o pessoal que trabalhava no projeto de Observação das Massas tinha elaborado uma diretriz solicitando que as pessoas mantivessem um diário sobre todas as suas experiências, medos e reações durante a guerra; elas responderam, e foi extraordinário. Eu dizia inclusive que fiz os alunos usarem esse material; eu havia escolhido algumas respostas — havia caixas e mais caixas de material — para verificar como o povo britânico reagira à guerra, portanto foi um recurso excelente; o que eu estava fazendo, na prática, era conseguir com que os alunos fizessem um pouco de pesquisa e usassem aquele material para tentar entender a guerra, não apenas criticá-la, mas tentar entender como as pessoas reagiram. Portanto, foi isso que ocorreu no caso da Guerra das Malvinas. E então veio a Guerra do Golfo, alguns anos mais tarde, e o pessoal do Arquivo fez a mesma coisa: pediam às pessoas que anotassem suas experiências.

DF: As pessoas têm de assinar o material que enviam?

AT: Ah, sim..., mas também podem ficar anônimas. O Arquivo sabe quem elas são, mas, antes de começarem a fazer anotações, as pessoas sabem que o material será usado por pesquisadores e que elas não serão identificadas.

DF: É um projeto brilhante!

AT: É um projeto brilhante, e quero mostrá-lo a Yara quando ela for à Inglaterra. É um recurso maravilhoso e voltarei a trabalhar nele, pois Dorothy e eu criamos um curso de História da Vida em Sussex com base nessa experiência, e pretendo retomar esse projeto. Voltando a falar sobre a BBC... durante a Guerra do Golfo, o pessoal do Arquivo de Observação das Massas fez o mesmo tipo de trabalho, e a BBC telefonou para eles, perguntando: “Vocês têm alguma coisa sobre a Guerra do Golfo? Gostaríamos de fazer um documentário sobre a opinião das pessoas na Grã-Bretanha com relação a essa guerra”. E então Dorothy me perguntou se eu gostaria de ganhar algum dinheiro fazendo pesquisas e examinando as respostas à medida que chegassem ao Arquivo.

Acho que isso tem me ajudado a progredir muito nos últimos anos, seja trabalhando com material escrito ou oral (dentro do programa da editora da comunidade, não se trabalhava apenas com História Oral), ou com a ajuda de fotos. Para mim, portanto, as linhas entre a História Oral e as Histórias da Vida escritas às vezes ficam um pouco embaralhadas, há diferenças, mas há também muitos paralelos.

DP: Gostaria que você comentasse a importância dos projetos comunitários no movimento de História Oral inglês.

AT: É algo muito grande. Se eu fosse tentar resumir o movimento da História Oral inglesa, diria que a História Oral acadêmica é bastante reduzida, ela ocorre em inúmeros lugares; não há muitos cursos que ensinam História Oral, e há apenas alguns historiadores orais. E os dois maiores movimentos — creio que o maior de todos os movimentos da História Oral inglesa — é o movimento da reminiscência, que se baseia no conceito de que recordar pode ser muito bom para as pessoas, não apenas para os historiadores — isso é muito importante; outra coisa importante é a mídia fazer uso da História Oral, pessoas como Steve Humphries, seus documentários; atualmente há um programa na televisão inglesa chamado *People century* (O Século do Povo), que é a História Oral do mundo no século XX; é um

projeto bastante amplo. Acho que é um exemplo muito ruim do uso do testemunho oral porque você percebe que as pessoas estão procurando obter alguma coisa, o programa não está realmente em busca das experiências das pessoas; mas tem sido muito visto, e hoje a maioria dos documentários sobre a história do século XX usa testemunho oral. Portanto isso tem predominado, e o conceito, o nome “História Oral” é usado com bastante frequência; em geral, hoje as pessoas compreendem quando você diz que é um historiador oral; dez anos atrás talvez não fosse assim.

DF: Isso é bom.

AT: Portanto, isso é realmente importante, mas de fato existem tensões. Alguns anos atrás, durante uma conferência, houve muita discordância entre as radiodifusoras e os historiadores orais quanto à divulgação da História Oral. Como eles têm abordagens diferentes, as pessoas que usam o testemunho oral no cinema, rádio e televisão exploram essas histórias, elas querem encontrar alguém de boa aparência que conte uma boa história, e não oferecem muito em troca — querem apenas se apossar de um pouco da história de alguém para ver como ela funciona em seu filme, por exemplo; não têm o tipo de cuidado que deve envolver a História Oral.

DP: Existe alguém dentro da mídia que tenha um pouco mais de sensibilidade? Como Eduardo Coutinho, aqui. O fato é que ele realmente está fora de um circuito mais comercial.

AT: Não sou a melhor pessoa para responder a essa pergunta. Talvez Robert Perks pudesse responder, ou minha amiga Teresa Watkins, que trabalha no rádio.

Há projetos de vídeo, exatamente como essa editora da comunidade, há também vídeo da comunidade e alguns deles fazem trabalhos de História Oral, mas isso está apenas decolando, principalmente na Austrália. E em termos de mídia há também o rádio da comunidade, que é muito mais amplo na Austrália, é um dos principais veículos de História Oral lá, e está se desenvolvendo também na Grã-Bretanha. Teresa Watkins, que trabalha na rádio da comunidade em Londres, tem uma compreensão muito melhor do assunto que eu.

O que está acontecendo na BBC e no canal 4, que são canais excelentes e, em geral, fazem boa história, realmente é que seus documentários têm um impacto muito mais forte do que qualquer livro que um dia poderia ser escrito a partir das

fontes orais. É interessante assistir a esses programas, é uma coisa que tem força; mas, em termos de como são feitos e como os depoimentos são usados, é um pouco ilusório.

DP: Em relação à sua atuação como editor da *Oral History Review*, poderia falar um pouco sobre o enfoque e os principais objetivos da revista?

AT: Ok. Bem, comecei a trabalhar na revista por volta de 1990, porque eu havia colaborado em um *workshop* em Brighton, em 1989-1990, sobre memória — memória e debates sobre História Oral que incluíam pessoas do grupo de memória popular, como, por exemplo, Dorothy Sheridan, do Arquivo de Observação das Massas —, e achamos que deveríamos apresentar nossos trabalhos à revista de História Oral. Os editores — eu não era editor — acharam que seria uma boa idéia, e foi a questão sobre memória popular que veio à tona por volta de 1990. Não lembro exatamente a data; depois disso eles entraram em contato com Paul Thompson e comigo e disseram: “Você gostaria de fazer parte da equipe de editores?”.

Naquela época eu não tinha um emprego acadêmico, ainda estava trabalhando para a Queenspark Books, portanto era uma maneira de retornar à vida acadêmica, aos debates, etc, e decidi aceitar. As coisas estavam mudando. Pouco antes de minha chegada tinha havido muitas tensões entre os membros da sociedade e Paul Thompson, quando ele criou o *Livro Internacional do Ano*. O pessoal da Sociedade de História Oral achava que essa publicação iria minar a revista, e, portanto, isso provocou muitas tensões. Então, não sei se Paul se demitiu ou se foi demitido do Comitê da Sociedade de História Oral, e seu título mudou para “editor fundador”. Às vezes ele examina alguns assuntos, mas não desempenha uma função ativa, não faz o trabalho editorial propriamente. Assim, quando ingressei na revista, Paul estava meio à margem. Havia Robert Perks, que era secretário da Sociedade de História Oral e curador do Acervo de História Oral da Biblioteca Inglesa, e Joanna Bornat, historiadora oral, excelente no trabalho de reminiscências. Ela publicou um livro no ano passado — talvez seja interessante você conseguir um exemplar —, *Reminiscence reviewed* (Crítica das Reminiscências), que analisa o desenvolvimento dos debates sobre reminiscências até os dias de hoje. Foi publicado pela University Press, realmente vale a pena. Assim, o grupo foi formado por Robert, Joanna e eu; logo depois Teresa Watkins, que trabalhava na rádio da comunidade com projetos de história da comunidade no East End, juntou-se ao grupo. Portanto éramos

quatro, além de Brenda, que é a editora de críticas; creio que ela já exercia essa função há bastante tempo; portanto éramos cinco — uma equipe de quatro era responsável pelos assuntos.

Acho que da maneira como trabalhamos conseguimos adquirir mais prática através dos anos, elaboramos nossos sistemas e métodos de trabalho. Com relação à apresentação dos artigos, cada um de nós tem uma função diferente: Joanna cuida da grande seção de notícias e projetos ingleses, e todas as informações que conseguimos, sejam de onde for, sobre projetos de História Oral que estão em andamento na Inglaterra são revistas por Joanna; ela edita essas matérias em uma coluna de cerca de 10 páginas sobre o assunto. Eu faço o mesmo tipo de trabalho com relação às notícias do exterior e consigo, através de várias maneiras, notícias sobre o que está acontecendo na área de História Oral em diferentes parte do mundo e faço o mesmo que Joanna.

DF: Quer dizer que você fará um relatório sobre nosso evento.

AT: Sim, farei um relatório sobre o Brasil. E também sobre o que Lutz me falou sobre a Alemanha e Alessandro sobre a Itália.

DF: Isso é interessante.

AT: Realmente. Tem sido maravilhoso fazer esse trabalho, pois tenho um bom relacionamento com o pessoal do Caribe, por exemplo, lá há vários bons projetos sobre História Oral em andamento. E também na África do Sul, Austrália, Europa Oriental, em muitos lugares; é super interessante. Na Palestina...

No último número da *Revista de História Oral* há um artigo sobre a História Oral da Palestina.

Bem, voltando ao que eu estava dizendo: Brenda faz as resenhas, mas no corpo principal da revista, onde estão os artigos, temos uma subseção de eventos futuros — é o boletim e a revista para todos os membros da Sociedade; uma maneira de compilar as notícias e de publicar artigos sérios. E o que fazemos é encaminhar todos os artigos para Brenda, em Essex, ou para qualquer um do grupo de editores. Hoje temos um sistema que não tínhamos antes: qualquer um que receba o artigo se torna o responsável, o nome do autor é retirado, e o artigo é então enviado para

os outros quatro editores; acho que esse é um bom método, pois se você visse o nome do autor, se soubesse, por exemplo, que foi escrito por Alessandro Portelli, provavelmente publicaria o artigo, por causa do nome, o que, na verdade, não está certo, um artigo deve ser publicado se for bom. Assim, a matéria circula entre os quatro editores, cada um dos editores a lê — isso leva alguns meses —, e cada um escreve uma página de comentários que é acrescentada à cópia a ser enviada ao próximo editor.

Mais ou menos a cada três meses, os quatro editores se reúnem para discussões; Brenda em geral também participa, discutimos os artigos, os comentários, para decidir sobre a publicação. Muitas vezes discordamos, é realmente interessante, precisamos escrever um artigo sobre o modo como tomamos decisões, nem sempre podemos prever quem vai discordar de quem. Robert tem tendência a suspeitar de coisas muitas longas e muito teóricas. Joanna quer sempre ter certeza de que os assuntos têm solidez quanto ao aspecto histórico. Eu gosto de matérias que conduzem à reflexão. Todos gostamos de artigos escritos com bom-senso. De qualquer modo, antes de tomar a decisão final sobre o que fazer — em caso de dúvida apelamos para outro juiz —, procuramos contribuir com comentários construtivos.

Muitas vezes achamos que um determinado artigo poderia ser publicado se fosse mais bem trabalhado e, então, o enviamos de volta, sugerindo o que poderia ser feito, o que às vezes fica difícil, pois cria uma expectativa — talvez o artigo seja reescrito e mesmo assim não fique suficientemente bom, etc. Outras vezes achamos que a matéria talvez esteja pronta para publicação; fazemos pequenas correções e temos então que decidir em que tipo de assunto o artigo se encaixa. Ou seja, geralmente tentamos fazer com que cada assunto tenha um determinado tema, quais os outros artigos que estariam relacionados, e procuramos ver o que está chegando e qual é a relação entre os artigos, os trabalhos apresentados em conferências, e coisas desse tipo.

Um dos critérios que desenvolvemos é que o artigo precisa ser acessível para um grande público; portanto, se o assunto é bom, tem de ser escrito de forma compreensível. Às vezes recebemos matérias escritas por professores, coisas boas, provavelmente, mas quase incompreensíveis. Quando isso acontece, enviamos o material de volta e pedimos que a pessoa use um inglês bem claro, para que possa ser compreendido pela grande maioria. De preferência, o artigo deve incluir exemplos de trabalhos de História Oral, e, se possível, testemunhos. Queremos que as

pessoas não apenas descrevam um projeto ou contem uma história, mas que reflitam sobre a questão de fazer História Oral, sobre a memória e os artigos que apresentam essas três coisas em geral são publicados.

DF: Isso é interessante.

AT: Essa é, portanto, a maneira como trabalhamos; é uma coisa realmente interessante, acho que mencionei isso ontem em minha apresentação. Em minha opinião, um dos focos de tensão da História Oral — isso acontece em universidades e também em nível internacional — está entre o trabalho teórico (que pode ser muito empolgante) e o trabalho de História Oral que é feito por grupos de reminiscências e grupos como o Queenspark, em que as pessoas não têm acesso fácil a debates teóricos. Portanto, para mim — vocês devem perguntar aos outros editores se eles concordam —, um dos principais papéis da revista é tentar estabelecer uma conexão entre esses dois pólos e produzir alguma coisa que facilite a combinação da teoria e da prática.

DP: Eu me lembro, no ano passado, durante o congresso no Rio, que Michele Trebitsh, do grupo *Histoire des temps présents* (*História dos Tempos Atuais*), da França, disse que a História Oral se tornou popular devido à sua incorporação à mídia e à sua banalização. O que você acha?

AT: Michele afirmou que a História Oral se tornou popular porque a mídia está fazendo uso dela e transformando-a em algo banal?

DP: Sim, você acha que existe um tipo de *domesticação* da História Oral?

AT: Teria talvez perdido seus objetivos políticos?

DP: Isso obviamente nos deixa preocupados.

AT: Sim, acho que é um risco real e um perigo real. Você pode ver isso em muitos programas de televisão, mas não em todos. Acho que existe um risco nos museus e nos projetos de preservação da cultura, principalmente quando a história se torna um tanto banalizada, quando tudo se resume em passar por uma experiência interessante e não em analisar o passado de forma crítica e eficaz. Mas não precisa

ser assim. Há projetos que são apenas isso, mas se você visitar um museu de Brighton... um museu de Brighton contratou uma pessoa que eu conheço para fazer um projeto de multimídia usando História Oral, chamado *Minha Brighton*.

Você entra no museu e há uma grande mesa, uma grande tela de toque, e todo o material sobre o projeto está em todos os pontos — não sei como funciona — basicamente, há vinte tipos diferentes de pessoas em Brighton: alunos de escolas, motoristas de taxi, desabrigados, desempregados, idosos, enfermeiras, enfim, e eles fazem uma história, falam sobre sua vida em Brighton. Você aperta um botão e acompanha a história daquela pessoa, com fotos, vídeo, transcrições, etc. Por um lado você poderia argumentar que isso é banal, mas, por outro, é uma forma de reconhecer diferenças relacionadas à história daquelas pessoas; há vários tipos de pessoas, portanto é possível conseguir material que proporcione à comunidade ou aos visitantes do museu a oportunidade de conseguir essas histórias e de explorá-las a seu próprio modo e que permita oferecer uma interessante gama de tipos diferentes de experiências que realmente constituem um desafio, não servem apenas para transformar aquilo em algo banal.

DP: Outra coisa que gostaria de saber: em seu currículo você menciona dois livros prontos para publicação.

AT: Um deles acabou de sair, é sobre educação de adultos; trabalhei muito com esse assunto, meu emprego na Universidade consistia em fornecer apoio à pesquisa e desenvolvimento na educação de adultos; em parte também porque o trabalho que faço na Queenspark e na Federação é sobre educação de adultos, portanto o livro fala sobre como se familiarizar com a educação de adultos, como trabalhar com grupos que vivem à margem do sistema educacional — desabrigados, pessoas que têm dificuldade de aprendizado, etc. O livro se baseia em um projeto de nosso Centro sobre o trabalho com grupos de pessoas de certa forma marginalizadas, que não tiveram acesso à educação universitária, e os capítulos são escritos pelos participantes dos programas desse projeto — alunos, orientadores, organizadores. E eles escrevem sobre o assunto, sobre como os diferentes grupos de adultos pensam com relação à universidade e como reagem às diferentes necessidades educacionais; fiz o trabalho de revisão desse livro.

Quanto ao outro, Robert Perks e eu fizemos um contrato com a Routledge para a revisão de um trabalho que denominamos *The Oral History reader* (O Leitor de História Oral). É dirigido a estudantes e pessoas interessadas em História Oral. Foi escrito em inglês e, seja traduzido ou não, será sempre um livro escrito no idioma inglês. Entretanto, conforme eu já disse, muitas vezes conseguimos material de países cujo idioma não é o inglês; isso é bom, mas a produção é dispendiosa. Em minha opinião, esse livro contém os melhores artigos ou trechos de livros sobre História Oral já publicados; não é, portanto, um material novo; é um material compilado, colhido em vários países diferentes. O livro é dividido em seis ou sete seções — cada seção contém seis ou sete trechos, e o livro tem um total aproximado de 400 páginas. É um livro didático, dirigido a pós-graduandos, alunos e profissionais. Há uma seção chamada *The history of the Oral History* (A História da História Oral). A seção *The memory and history debates* (Memória e Debates sobre História) aborda debates sob diferentes ângulos, a respeito de memória e História Oral. A seção *Interviewing* (Entrevistas) dá sugestões sobre como entrevistar pessoas. A seção *Preserving the past* (Preservando o Passado) sugere formas de usar as fitas. A seção *Advocacy and empowerment* (Defesa e Habilitação) explica as formas como a História Oral é usada para lidar com grupos marginalizados. Outra seção, *Making history* (Fazendo História) mostra as diferentes formas de usar o testemunho oral para fazer com que as histórias possam ser usadas em livros, filmes, televisão, exposições, etc. Espero que esse livro facilite minhas aulas e as suas também, sem que seja preciso procurar desesperadamente por material que nossos alunos possam ler.

DP: Gostaria de fazer outra pergunta: Você acha que a História Oral pode ser enfraquecida por esse tipo de globalização, a Internet e coisas desse tipo? As comunicações estão se tornando cada dia mais fáceis...

AT: Você está se referindo à internacionalização das comunicações? Ela acarreta coisas diferentes. Primeiro, acho que torna mais fácil a comunicação à distância, e as pessoas ficam sabendo que o que estão fazendo é parecido com o que outras pessoas também estão fazendo no campo da História Oral, e acho isso bom. Há duas coisas: não creio que a internacionalização das comunicações acabe com o diálogo entre as pessoas, dentro de determinadas comunidades; não necessariamente comunidades físicas, mas comunidades com identidades ou interesses semelhantes; acho que isso

não acontecerá. Não vamos, ou melhor, creio que não vamos viver em um mundo onde as pessoas não mais se falam, não conversam...

DF: Apenas através...

DP: Do E-mail.

AT: Acho que o verdadeiro problema é que a Internet, com toda a globalização do conhecimento e das comunicações, é que terá acesso a essa fonte, e se, por exemplo, iniciarmos um trabalho de História Oral empregando novas e brilhantes tecnologias, é a Internet que terá acesso a isso na Grã-Bretanha, e também no Brasil, portanto acho que há problemas quanto ao acesso. Por outro lado, as crianças estão usando as novas tecnologias mais do que nós, e não podemos subestimar a capacidade das novas gerações de usar esse tipo de material, ou seja, não posso dizer nada quanto ao futuro. Mas posso imaginar em breve revistas e conferências como esta acontecendo através do E-mail.

DF: Dentro de três ou quatro anos...

AT: Talvez seja mais fácil realizar uma conferência desse tipo através do E-mail.

DF: Escolhe-se uma sala de reuniões em cada lugar e...

AT: Bem, nos Estados Unidos, eles fizeram isso, realizaram uma conferência sobre História Oral através da Internet.

DF: Verdade?

AT: Sim. A conferência foi no Havaí, e pessoas de várias partes da América participaram através de material de vídeo. E você pode imaginar também que eu estaria morando na Inglaterra e entrevistando alguém na Austrália, pois eu poderia usar as novas tecnologias para fazer isso. O que essa facilidade significa com relação aos relacionamentos dentro da História Oral? Quando uma pessoa começa a chorar, como você pode lhe oferecer um lenço se não está perto dela?

Os CD-ROMs e as coisas que estão surgindo a partir deles vão transformar drasticamente o que fazemos, pois mais cedo ou mais tarde não estaremos apenas

escrevendo livros e artigos. Estaremos fazendo outras coisas, o que é ótimo, porque poderemos fazer histórias orais que terão um rosto, uma voz, não apenas palavras. Isso ocorreu na Austrália com a História Oral aborígene. Cerca de 20 anos atrás, um amigo meu que lecionava em uma escola iniciou um projeto e foi despedido, perdeu o emprego porque estava fazendo isso. Ele fez um grande projeto sobre o povo aborígene de sua comunidade, e no final eles produziram um CD-ROM que foi feito na escola e no centro comunitário, nas reservas ao redor da área; incluía testemunhos, rostos, citações, mapas. Você aperta um botão e encontra a história sobre o povo aborígene daquela área, pessoas mais velhas contando histórias. Para mim, isso talvez tire um pouco do poder do historiador, pois na verdade você apresenta a história ao espectador e ele decide o próprio caminho, e se quer ouvir a história, e...

DF: Não a que você está apresentando, mas outra...

AT: Alessandro estava falando sobre a possibilidade de ter uma história multifocal, muitas vozes; ao mesmo tempo, não acho que sua responsabilidade diminuiria, é possível que você conseguisse também colocar sua síntese lá, e a pessoa poderia também ter as fontes originais. Gostaria de mencionar apenas mais uma coisa: o curso que estamos dando em Sussex, o diploma em Trabalho da História da Vida.

DF: Sim, sua experiência atual.

AT: Não é realmente inovador, mas surgiu através da constatação de que não sou apenas um historiador oral e que na verdade há muitas maneiras de se fazer um trabalho de história da vida — usando anotações escritas da história biográfica de uma família em um certo período, fazendo trabalho de reminiscência; esse tipo de coisa, algo semelhante a um diário. Eu queria interligar a teoria e a prática; e também analisar a ligação entre diferentes partes do trabalho de História Oral.

Assim, Dorothy Sheridan e eu criamos esse curso, que tem a duração de dois anos; é dirigido a alunos adultos, mas na verdade graduandos e pós-graduandos também começaram a fazê-lo, e está agora sendo procurado também por universitários, por pessoas que estão trabalhando em projetos de história da comunidade ou que querem escrever a história de uma família.

No primeiro estágio todos fazem um curso chamado *Exploring life histories* (Explorando Histórias da Vida), que trata de assuntos relativos a histórias da vida em geral. No segundo estágio os alunos podem escolher entre três cursos: há um que eu dou sobre História Oral; Dorothy dá um curso sobre como analisar documentos relativos à História Oral e um sobre o trabalho de reminiscência, e neles são enfocados determinados assuntos e abordagens. No terceiro estágio os alunos fazem um projeto de pesquisa dentro do contexto em que estiverem trabalhando na ocasião e produzem algo que pode ser uma exposição ou um filme, um projeto, ou alguma coisa semelhante.

Nossas experiências, portanto, parecem bastante semelhantes; com contextos diferentes, talvez, mas bastante semelhantes ao que vocês provavelmente estão fazendo com pós-graduandos.

DF: Sim...

DP: Apenas mais uma pergunta: Quais são os desafios, dentro da História Oral, que você pretende enfrentar agora?

AT: Ainda sou bastante jovem, comecei a fazer História Oral antes dos 20 anos, portanto, 15 anos atrás. Na verdade, fazer História Oral é um desafio para mim, estou muito ocupado dando aulas e ajudando outras pessoas a se familiarizarem com nosso trabalho, e desenvolvendo teorias. Gostaria de fazer mais entrevistas. Há muito não faço verdadeiras entrevistas. Portanto, pretendo conseguir uma verba para desenvolver um projeto sobre a migração entre a Grã-Bretanha e a Austrália, analisando principalmente os ingleses que emigraram para a Austrália, não se adaptaram e voltaram para a Grã-Bretanha. Na Inglaterra, frequentemente as pessoas ouvem meu sotaque e dizem: “Ei, você é australiano, não? Estive na Austrália, não gostei e voltei”. Como as histórias sobre imigrantes costumam falar de sobrevivência ou êxito, quero entrevistar pessoas com uma experiência ou lembranças menos positivas sobre a emigração para a Austrália e pretendo iniciar esse projeto no próximo ano. Portanto, o desafio é fazer um pouco de História Oral, fazer algo novo e não escrever mais sobre a guerra. E acho que o desafio teórico e metodológico é colocar essas idéias em prática, em um projeto, de uma forma que as pessoas com as quais você está trabalhando possam entender e decidir também quais os padrões a serem adotados — como permitir que as

peças sendo entrevistadas reajam às suas interpretações e quais são os limites entre seu projeto e a memória dessas pessoas. Gostaria também de analisar como colocar isso em prática, em um projeto sobre reminiscências, ainda não sei bem como. Por ora isso é tudo a respeito de desafios.

DF: Você tem muito trabalho pela frente!

DP: Gostaria de encerrar e agradecer sua participação.

DF: Tudo bem, foi muito interessante.